

## “GLOBO, EU NÃO SOU TUAS NEGAS”: UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA EM REDE NO MOVIMENTO DE BOICOTE A MINISSÉRIE SEXO E AS NEGAS

*Karen Greco Soares<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo compreender um contexto de pressão social na esfera da internet no Brasil, no ano de 2014, quando mulheres negras de todo o país mobilizavam-se através de redes sociais em repúdio à veiculação da telenovela *Sexo e as negas*, da Rede Globo de Televisão. A análise parte de uma contextualização sobre os movimentos sociais afro-brasileiros no Brasil e o advento das novas plataformas multimídias em Levy (2001) e Castells (1999). Dessa forma, a reflexão procura mapear, através do objeto de estudo escolhido, o que são os novos movimentos contra-hegemônicos em rede segundo Moraes (2007). Entende-se que as novas tecnologias de comunicação configuram-se no cenário contemporâneo como espaços de resistência e de visibilidade da questão racial, contribuindo para a não aceitação de lógicas de preconceito e estigma à população negra, que historicamente se faz presente na mídia hegemônica tradicional.

**Palavras-chave:** contra-hegemonia; tecnologias da comunicação; internet; raça; Sexo e as Negas.

### "GLOBO, I AM NOT YOUR NIGGER": AN ANALYSIS OF THE COUNTER-HEGEMONIC COMMUNICATION IN NET IN THE BOYCOTT MOVEMENT TO THE MINISERIE SEX AND THE BLACKS

**Abstrac:** This study aims to understand a context of social pressure in the Internet sphere, in Brazil 2014, when black women from all over the country mobilized through social networks in repudiation of the publication of the novel *Sex and the Blacks*, from TV Rede Globo. The analysis starts from a contextualization about the Afro-Brazilian social movements in Brazil and the advent of the new multimedia platforms in Levy (2001) and Castells (1999). Thus, the reflection seeks to map, through the object of study chosen, and according to Moraes (2007), what are the new counter-hegemonic movements in net. It is understood that the new communication technologies are configured in the contemporary scenario as racial question's spaces of resistance and visibility, contributing to the non-acceptance of the logic of prejudice and stigma to the black population, which historically is present in the traditional hegemonic media.

**Keywords:** counter-hegemony; communication technologies; internal; race; Sex and the Blacks.

### “GLOBO, JE NE SUIS PAS VOTRE ‘NEGAS’”: UNE ANALYSE DE LA COMMUNICATION CONTRE-HÉGÉMONIQUE EN RÉSEAU DANS LE MOUVEMENT EN BOYCOTT À MINI-SÉRIE SEXO E AS NEGAS

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Graduada em Comunicação Social - Hab.: Relações Públicas - Ênfase em Produção Cultural pela Universidade Federal do Pampa - RS. Foi bolsista de iniciação científica PROBIC-FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul), integrando ao longo da graduação projetos voltados a pesquisa científica em comunicação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em processos socioculturais, atualmente integrando o grupo de pesquisa GCEORG (Grupo de Estudos em Comunicação, Educação e Organizações) pela UFPR, com interesses de pesquisa nos seguintes temas: Gênero, Sexualidade e Organizações; Teoria política feminista.



**Résumé:** Cet étude vise à comprendre le contexte de la pression sociale dans le sphère d'Internet au Brésil, en 2014, lorsque les femmes noires de tout pays sont mobilisés à travers les réseaux sociaux en répudiant le placement des télé nouvelle *Sexo e as Negras*, de la Rede Globo TV. L'analyse part d'une contextualisation des mouvements sociaux afro-brésiliens au Brésil et l'avènement des nouvelles plateformes multimédias en Levy (2001) et Castells (1999). Ainsi, la réflexion recherche faire une carte, à travers d'objet d'étude choisi, quels sont les nouveaux mouvements contre-hégémoniques dans le réseau d'accord Moraes (2007). Il est entendu que les nouvelles technologies de communication façonnent dans la scène contemporaine que les zones de résistance et de la question raciale visibilité, contribuant au rejet de la logique des préjugés et de la stigmatisation de la population noire, qui est historiquement présent dans les médias grand public traditionnels.

**Mots-clés:** contre-hégémonie; technologies de communication; Internet; course; *Sexo e as Negras*.

### **“GLOBO, YO NO SOY TUS NEGRAS”: UN ANÁLISIS DE LA COMUNICACIÓN CONTRA-HEGEMÓNICA EN LA RED EN EL MOVIMIENTO DE ACABAR CON LA MINISÉRIE SEXO Y LAS NEGRAS**

**Resumen:** Este estudio lleva por objetivo comprender un contexto de presión social en la esfera de la internet en Brasil, en el año de 2014, cuando mujeres negras de todo país movilizaron a través de redes sociales en repudio a la representación de la telenovela *Sexo y las Negras*, de la Red Globo de Televisión. La análisis parte de una contextualización sobre los movimientos sociales afro-brasileños en Brasil y el advenio de las nuevas plataformas multimedia en Levy (2001) y Castells (1999). Así, la reflexión procura mapear, a través del objeto de estudio elegido, lo que son los nuevos movimientos contra-hegemónicos en red según Moraes (2007). Se comprende que las nuevas tecnologías de comunicación se configuran en el escenario contemporáneo como espacio de resistencia y de visibilidad de la cuestión racial, contribuyendo para la no aceptación de lógicas de prejuicio y estigma a la población negra, que históricamente se ha hecho presente en los medios de comunicación hegemónica tradicional.

**Palabras-clave:** contra hegemonía; tecnologías de la comunicación; internet; raza; *Sexo y las Negras*.

## **INTRODUÇÃO**

Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o Brasil foi considerado o segundo país com a maior população negra do mundo. A população de autodeclarados negros soma mais da metade (51%) dos brasileiros e este número é frequentemente diminuído nos espaços sociais: parca inserção de negros e negras nas universidades, no mundo do trabalho, em cargos públicos, etc; sendo ainda recorrente a estigma da criminalização, do preconceito e da marginalização deste grupo. No cenário midiático brasileiro, a situação não é diferente. Quando as representações não são do negro como subalterno, “favelado”, o foco se dá em representações predominantemente focadas no corpo da mulher negra, da objetificação e sua

sexualização ao público masculino. O que exacerba, ainda que veladamente, um preconceito racial e de caráter, por vezes, misógeno a este grupo.

Porém, o que se observa com a apropriação das novas tecnologias comunicacionais, em especial, a internet, é a de uma autoafirmação, embate e questionamento direto desses grupos antes anulados dos espaços hegemônicos tradicionais. Esse cenário revela uma nova conjuntura de análise para a comunicação: o de que o ambiente virtual possibilita uma comunicação contra-hegemônica perante a insatisfação com a mídia convencional, reforçando identidades anteriormente excluídas e emancipando manifestações legítimas de repúdio ao preconceito de raça, etnia e gênero.

A partir dessa conjuntura, este estudo realiza uma reflexão de como o ambiente virtual da internet pôde ser um espaço de mobilização contra-hegemônico, a partir da análise de uma mobilização própria de mulheres negras em todo Brasil através de redes sociais na internet, no ano de 2014, contra a veiculação da minissérie “Sexo e as negas” da Rede Globo de Televisão.

O estudo procura compreender, a partir do diálogo com três das cinco dimensões propostas por Moraes (2007), como este movimento de boicote pode ser entendido como um processo de comunicação contra-hegemônica em rede. Dessa forma, o estudo procura articular novas tecnologias, sociedade e comunicação, de forma a perceber as primeiras como potencializadoras de lutas sociais que envolvem as questões de raça, como a que foi colocada em pauta no movimento de boicote à minissérie “Sexo e as negas”.

## **MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS E SUA RECENTE HISTÓRIA NO BRASIL**

Os períodos de 1960 e 1970 representaram marcantes agitações culturais e políticas no Brasil. A ditadura militar de 1967 estava em seu auge e muitas organizações negras tiveram de se transformar em instituições culturais ou de lazer devido a forte repressão que fechava sindicatos, movimentos operários e qualquer manifestação social ou estudantil que se organizasse à época (Albuquerque; Filho, 2006).

Dois anos mais tarde, em 1969, foi inaugurada por um núcleo de intelectuais o Centro de Cultura e Arte Negra no bairro do Bixiga em São Paulo, que concentrava produção cultural propriamente afro. Novos grupos de teatro, dança e música que se



articulavam nos anos 1970 impulsionaram também mobilizações culturais afros e cada vez mais foi surgindo um cenário de afirmação da cultura afro-brasileira, tanto em aspectos culturais e políticos (Albuquerque; Filho, 2006).

Com a penetração dos meios de comunicação no âmbito cotidiano brasileiro, a população negra também passava a ter contato com culturas negras de outros países, recebendo influência principalmente na música, através do soul, jazz, o funk americano e reggae. Em 1979 surgia o Grupo Abolição no Rio de Janeiro, que realizava encontros para se dançar a soul music, posteriormente incluindo cursos sobre história e cultura afro-brasileiras, além de dança e teatro em suas atividades. Em outros locais do país, como na Bahia, surgiam blocos de carnaval negro, alguns deles em atividade até os dias atuais, como o Olodum.

No mundo, Nelson Mandela, Agostinho Neto, Samora Machel, realizavam importantes conquistas cidadãs a população negra de seus respectivos países. A opressão racial era uma realidade noticiada nos jornais brasileiros, o que preponderou para um estímulo a população negra na luta por seus direitos, sobretudo a democracia racial, que ainda era pouco ou nada discutida pelos movimentos políticos hegemônicos do país.

Nesta esteira desses acontecimentos, em 1978, militantes negros de todo o Brasil articulam a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que posteriormente veio a ser chamado somente Movimento Negro Unificado (MNU). O MNU representou um primeiro momento de inclusão das pautas raciais e sua importância na agenda política da esquerda brasileira, partindo-se do convencimento da necessidade de levantamento desta bandeira de luta. Também projetou um debate mais engajado politicamente acerca da questão racial junto a sociedade brasileira. Na sequência, surge em 1988 o GELEDÉS, organização política que privilegiava o combate ao racismo e também a valorização e visibilidade às mulheres negras. Estes dois movimentos foram baluartes e pioneiros na discussão racial na esfera política do país e encontram-se em atividade até os dias atuais.

Como o abordado por Albuquerque e Filho (2006, p. 294), o movimento negro no Brasil foi fundamental para expandir a conscientização da população negra acerca da discriminação por raça, expandir a busca pelos direitos da população negra e principiar um debate no âmbito governamental acerca da passividade do estado em relação a



questão do preconceito racial, que no Brasil, ainda não era um assunto que fosse alvo de discussão na agenda política o país.

É recorrente que o período de maior efervescência e surgimento do movimento negro no Brasil tenha se dado em um contexto em que as tecnologias midiáticas estavam em crescente expansão e difusão no país. A medida em que havia um maior contato com outras culturas negras, a população negra brasileira reconhecia espaços de legitimação, passava a angariar atuação também no mercado de trabalho, e até mesmo representação em telenovelas e programas de televisão.

Porém as representações a esta época delegavam ao negro local secundário. Tem-se o exemplo de Ruth de Souza nos anos 1960, uma atriz pioneira no teatro, cinema e televisão brasileira, que recebeu diversos prêmios sobre suas atuações, mas que, entretanto, em sua primeira participação em uma telenovela, em 1965, na TV Excelsior, recebeu o papel de uma empregada doméstica. Cita-se também o exemplo do ator negro Milton Gonçalves, interpretando um psiquiatra bem sucedido na novela Pecado Capital, de 1975 (Araujo, 2000). O personagem se envolvia em uma relação inter-racial com uma paciente branca, porém o romance foi vetado na telenovela devido a pressões do público e da censura política.

Esta contextualização inicial lança bases para a indagação acerca da potencialidade dos meios de comunicação e das novas tecnologias midiáticas na atualidade em relação a mobilização e engajamento dos movimentos sociais negros da atualidade. Porém, é necessário inicialmente recorrer a autores do universo da comunicação, das tecnologias e da sociedade acerca da sua visão sobre o surgimento dos meios e de como estes podem ser espaços de discussões e empoderamento de grupos marginalizados.

### **DA NOVA MÍDIA À MULTIMÍDIA: O ADVENTO DO AMBIENTE VIRTUAL E OS NOVOS ESPAÇOS DE DISCUSSÃO E EMANCIPAÇÃO NA SOCIEDADE**

Uma das primeiras preocupações que os estudiosos em tecnologia e sociedade se deparavam era acerca do chamado “impacto” ou influência das novas tecnologias sobre a vida social. Mais tarde, esta metáfora do impacto foi fortemente questionada em autores como Pierre Levy (2001, p. 21), que refutava o viés causal e unilateral das novas tecnologias de mídias, deixando de vê-las apenas como técnicas autônomas que imprimiam à sociedade e à cultura uma nova configuração, mas que o seu próprio uso e

suas apropriações constituiria também a humanidade enquanto tal. Afastada de uma noção determinista, esta nova prerrogativa permitiu observar por uma ótica mais privilegiada as relações entre tecnologias da comunicação, cultura e sociedade.

Para Martinuzzo (2013), a sociabilidade atual apresenta justamente esta peculiaridade histórica. O cotidiano das pessoas é articulado por uma rede comunicacional de plataformas multimidiáticas alimentadas por conteúdos informacionais (notícias, entretenimento, publicidades, etc.), que produzem formas diferentes de se relacionar e construir referências simbólicas, ao mesmo tempo as suas utilizações pela sociedade reestabelecem e ampliam os horizontes dessas novas plataformas.

Nesse sentido, há consenso entre os estudos de tecnologia e sociedade de que inexistente o determinismo tecnológico no movimento de constituição das sociedades. Pierre Lévy (2001, p. 24) defende que “por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade”. Sob esta ótica, uma tecnologia tanto marca e configura novos fenômenos sociais como é marcada e configurada, também, por eles. A dinâmica da relação entre a sociedade e a tecnologia é perpassada por uma gama de reciprocidades, envolvendo múltiplos atores e plataformas, que ao passo que produzem também rearticulam suas produções, transformando seus ambientes e sendo transformados por eles.

Moraes (2006, p. 36) reforça esta perspectiva quando cita que as “tecnointerações exercem influência marcante nos padrões de sociabilidade e nas percepções dos indivíduos”, afirmando que, na atualidade, as sociedades navegam através das novas tecnologias da informação e pelos ambientes virtuais, e que através deste processo ocorre uma nova estruturação da produção simbólica.

Com a chegada dos anos 1990, duas tecnologias de comunicação marcaram uma nova guinada à comunicação: A criação do MINITEL, um pequeno terminal de consulta de banco de dados comerciais dos Correios, na França, que tratava-se de um sistema de videotextos projetado em 1978 pela Companhia Telefônica Francesa. Foi o primeiro e maior desses sistemas em âmbito mundial, apesar de sua tecnologia primitiva. E a INTERNET – uma estratégia militar para possibilitar a sobrevivência das redes de comunicação em caso de ataque nuclear (Castells, 1999).

Em 1990, quando se enfatizou o papel de provedor de serviços, ficou evidente as limitações naturais do MINITEL como meio de comunicação – e a solução, assim, foi oferecer a opção paga, de ligar-se à INTERNET em âmbito mundial. E assim surge um novo ambiente multimídia, que desenvolveu-se e ampliou-se de maneira intensa a partir dos anos seguintes (Castells, 1999).

A internet, segundo Castells (1999), é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores. É a rede que liga a maior parte das redes. É entendida como uma nova forma de comunidade, que reúne pessoas online ao redor de valores e interesses em comum.

Assim, a anterior sociedade em massa, que passou a ser uma sociedade segmentada, reconfigura-se então para uma sociedade em rede – metáfora apresentada por Castells (1990) –, conectada por uma plataforma multimídia, de hipertexto, que passou a possibilitar novas formas de vivências dentro do ambiente virtual.

Isto vai de encontro ao explorado por Pierre Levy (2001, p. 41) como noção de virtual. Para ele, em uma concepção filosófica, o virtual é entendido como "aquilo que existe apenas em potencia e não ato". O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal. Mas ainda assim, o virtual é uma dimensão “muito importante da realidade” (2001, p. 43). A dimensão do virtual é melhor explicitado na sentença abaixo:

Em geral acredita-se que uma coisa deva ser real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. É virtual toda entidade "desterritorializada", capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (Levy, 2001, p. 43).

Desta forma, entende-se as novas tecnologias da comunicação, em especial a internet, como promotoras deste novo espaço de interação virtual. Este espaço – além de proporcionar novas formas de interação, sensações e criação de uma cultura própria do ambiente virtual –, atualmente apresentam-se também como um cenário de emancipação individual (Wolton, 2012, p. 22).

Dessa forma, as novas mídias têm promovido espaços de inserção de grupos e indivíduos antes invisibilizados pela pauta hegemônica social, cultural e política, passando a ganhar também na esfera virtual reforço discussões e movimentos de minorias como mulheres, negros e grupos de diversidade sexual. Trata-se de uma

conjuntura que tanto atravessa os alcances das discussões, ou seja, o interior dos movimentos (dada a inserção destes na nova esfera virtual), quanto modifica também a esfera virtual, a tecnologia, pois reconfigura uma lógica que antes era da absoluta hegemonia dos meios tradicionais, passando a ter agora um viés, também, contra-hegemônico.

Dominique Wolton elenca alguns aspectos que entende como pontos que aqueceram este novo cenário no ambiente virtual. Para ele, a liberdade e a capacidade de dominar o tempo e o espaço, em que "pode-se navegar ao infinito, com uma mobilidade extrema" (2012, p. 85) é um ponto preponderante. Nesse sentido, ele compreende que nesta característica as novas tecnologias assumiram sua dimensão social: são como uma figura de emancipação individual, uma nova fronteira de discussão também de cidadania e direitos.

"A Web torna-se uma figura de utopia, de uma sociedade onde todos os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos" pontua Wolton (2012, p. 122), sendo dessa forma, as plataformas, sites e redes sociais impulsionadores deste cenário. A Internet construiria um novo padrão de relações sociais, servindo como suporte material a estas novas interações (Recuero, 2009, p. 54).

Partindo-se desta contextualização sobre as novas tecnologias da comunicação e o advento da internet e das comunidades virtuais, é do objetivo deste trabalho compreender esta nova dinâmica que surge neste âmbito virtual, que vai de encontro aos processos de emancipação falados por Wolton. Porém, neste caso, trata-se de um processo genuinamente contra-hegemônico que emerge neste meio, ancorado em pautas e articulação política de grupos minoritários, que ganham voz e espaço a partir das novas mídias, em especial, a internet.

### **DIFUSÃO CONTRA-HEGEMÔNICA EM REDE: CONTRARIANDO A LÓGICA DA MÍDIA TRADICIONAL**

Partindo-se da visão de que a internet é este espaço que proporcionou a criação de comunidades virtuais e uma própria emancipação dos indivíduos, Dênis de Moraes aborda em seu estudo "Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas" (2007, p. 1) uma nova forma de comunicação que emerge dentro do cenário da internet: o que ele chama de "experiências de produção e difusão informativa com sentido contra-hegemônico". Essas experiências tratam-se de mobilizações contrárias ou

questionadoras do capitalismo vigente, bem como do neoliberalismo e da política mercantil do mundo globalizado.

Como hegemônico o autor busca no teórico Gramsci sua definição: a “hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras” (Moraes, 2010, p. 54). Nesse sentido a hegemonia trata-se dos princípios e processos dominantes entre os atores da ação política, buscando uma congregação de grupos não hegemônicos às bases econômicas dominantes.

O contra-hegemônico, neste viés, é justamente a proposta antagônica a este sentido. Trata-se, quando da inserção nas redes virtuais como a internet, de uma comunicação alternativa<sup>2</sup> que procura romper com os controles da mídia convencional.

Portanto, situada na contramão da lógica do sistema vigente, os movimentos contra-hegemônicos na internet passam a empoderar a luta de grupos antes excluídos, possibilitando maiores espaços de participação democrática via web e trocas culturais. Isto, segundo Boaventura de Sousa Santos, proporciona a promoção de redes de informação e solidariedade ativa (2003, p. 64-65). Como reforça Moraes:

Trata-se de conceber a Internet como mais uma arena de lutas e conflitos pela hegemonia, vale dizer, de batalhas permanentes pela conquista do consenso social e da liderança cultural-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras (Moraes, 2007, p. 2).

Portanto, nesta ótica situam-se os movimentos sociais dentro da internet, passando assim a usufruir da rede com o objetivo de um enfrentamento a processos hegemônicos desiguais. A internet, nesse sentido, representou um ponto significativo na organização e efetividade dos movimentos sociais, pois estes anteriormente tinham suas pautas ignoradas e/ou menosprezadas pela mídia hegemônica (Moraes, 2007).

Da mesma forma, campanhas e protestos podem disseminar-se com maior intensidade, ganhando repercussão de alcance global, e podendo serem exploradas em um contexto muito mais abrangente do que aquele que antes era reservado à cobertura apenas dos grandes conglomerados midiáticos.

---

<sup>2</sup> Comunicação alternativa defendida pelo Foro de Medios Alternativos: é aquela que “atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a democratizar a palavra e a informação”.

Fatores como a transmissão descentralizada da internet, a sua abrangência global, a instantaneidade, a rapidez, o barateamento de custos e a autonomia frente ao direcionamento ideológico e mercadológica da mídia hegemônica são algumas das vantagens que este veículo oferece às mobilizações sociais de caráter minoritário (Moraes, 2007).

Nesse sentido, a comunicação contra-hegemônica ocorre nos ambientes virtuais como este processo de entendimento geral, em que os envolvidos não tem por objetivo efetivos resultados lucrativos ou de propriedade. O que contraria uma lógica capitalista linear de venda de produto e consumo. A cooperação, a militância voluntária e o engajamento é característica desse cenário: “a proposta cooperativa viabiliza-se no trabalho voluntário e militante de redação, edição e atualização de páginas, organização de bases de dados, montagem e na manutenção de redes” (Moraes, 2007, p. 4).

Dessa forma emerge neste ambiente virtual um novo cenário comunicativo que é antagônico a lógica de surgimento da própria internet. Ou seja, as novas mídias, a multimídia e o advento da internet que foram todos resultados de uma crescente de interesses e articulações privadas, neste momento criam um espaço, uma espécie de fissura, que atua pelo viés contrário, dando dá voz a grupos e manifestações que expressam vertentes político-ideológicas e culturais completamente divergentes deste meio hegemônico ao qual está inserido. Como explica mais detalhadamente Moraes:

São espaços de denúncia das injustiças, de difusão de informação antagônica, de coordenação entre organizações de cidades ou bairros, de debate anticapitalista, de análise político, etc. (...) Este tipo de difusão da informação veraz por meios alternativos modifica em ocasiões pontuais os desígnios das transnacionais, e daí a importância de que se reveste o desenvolvimento de meios alternativos como trincheiras de combate em uma guerra de guerrilhas semiológica contra a ditadura dos meios de comunicação massivos sobre a cidadania (2007, p. 5)

Compreendida a noção da chamada difusão contra-hegemônica em rede, o mesmo autor aponta cinco dimensões do que pode ser considerado como comunicação contra hegemônica na web. Estas cinco dimensões serão nortes da discussão do objeto de estudo escolhido para a análise.

São estas: a) a oposição direta ao neoliberalismo e defesa da universalização dos direitos da democracia e da socialização das riquezas; b) descentralização informativa, que consiste no fato de que qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelo poder; c) os dados podem ser difundidos sem

submissão às diretrizes e às idiossincrasias da mídia hegemônica; d) a dinâmica virtual incentiva a interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes; e) estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser compartilhados com base no princípio inclusivo da "publicação aberta" (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados) e na adesão ao *copyleft* (permissão para reproduzir informações sem fins comerciais, desde que citada a fonte, evitando-se as barreiras impostas pela propriedade intelectual).

Estas cinco dimensões delimitadas por Dênis de Moraes permitem identificar quando ocorre na rede um movimento contra-hegemônico legitimamente surgimento no seio do ambiente virtual. A proposta que segue neste estudo é analisar como e se ocorrem algumas destas dimensões no chamado movimento de boicote a reprodução da minissérie "O sexo e as negas" da emissora brasileira rede Globo. Para isso, partimos do pressuposto da análise dos dois espaços antagônicos: o primeiro, que seria a mídia hegemônica, neste caso a emissora de TV da qual a série fazia parte, e o segundo, o movimento dito contra-hegemônico ocorrido nas redes sociais da internet com vistas ao boicote a veiculação desta série.

### **REDE GLOBO DE TELEVISÃO: A HEGEMONIA BRASILEIRA MIDIÁTICA**

A rede globo de televisão é uma emissora de concessão pública brasileira existente desde os anos 1950 no cenário da comunicação televisiva brasileira. A emissora, desde o desenvolvimento e implementação, construiu um modelo de referência em programação de TV no mundo inteiro (Santos, 2012).

A partir da constituição de um padrão tecno-estético para os seus produtos (Padrão Globo de Qualidade) a Rede Globo de Televisão garantiu sua supremacia de audiência e público, se tornando uma organização hegemônica no ramo das telecomunicações Brasil. A coincidência da trajetória e interesses com o regime militar em 1964 fez da rede globo de televisão protagonista da história contemporânea brasileira. Com o fim da ditadura e o novo cenário no mercado, a Globo gradativamente se reposiciona politicamente, alinhando-se a nova realidade social do país (Santos, 2012).

Em sua atual configuração, as Organizações Globo compreendem o poderio de outras plataformas de mídia, como a TV por assinatura Sky; os canais Globosat, o portal Globo.com, a TV Globo internacional; a Editora Globo (responsável pelas publicações do grupo); a Gráfica Globo Cochrane – que tem sociedade com um grupo britânico; a gravadora Som Livre; bem como as instalações da cidade cenográfica Projac, onde fica a Central Globo de Produção.

Como o assinalado por Santos (2012, p.146), a Rede Globo teve um papel central no plano econômico, articulada desde o seu começo com setores financeiros internacionais, consolidado por um modelo técnico-administrativo competitivo e eficiente. Esta breve apresentação da Rede Globo de Televisão já possibilita visualizá-la como um meio hegemônico, tendo em vista que desde o seu surgimento esteve dentro e atendendo a uma lógica de concorrência e lucro, como a do capitalismo neoliberal contemporânea ao seu contexto.

Segundo Luciano Gruppi (1978, p. 67) um bloco é hegemônico e dominante quando sua ação política, ideológica e cultural permite manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre outras forças antagônicas ocorram, prevenindo crises nas forças no poder.

No ano de 2014, como proposta de um produto audiovisual de veiculação oriunda desta mídia hegemônica, a minissérie intitulada “Sexo e as negas” promoveu uma série de agitações no ambiente virtual antes mesmo de sua veiculação, levando a cabo toda uma nova conjuntura que, para este estudo, pretende-se analisar como um movimento de difusão contra-hegemônica em rede, partindo-se das dimensões anteriormente citadas de Moraes (2007).

### **MOVIMENTO NACIONAL DE BOICOTE AO PROGRAMA “SEXO E AS NEGAS”: MAPEANDO O CONTRA-HEGEMÔNICO EM REDE**

No mês de agosto de 2014 a Rede Globo de Televisão passou a veicular propagandas anunciando um novo programa, que ocuparia as terças-feiras a noite, escrito e idealizado pelo ator e dramaturgo Miguel Falabella. A série seria uma ambientação do famoso *Sex and the city*, seriado americano protagonizado por quatro mulheres de sucesso na cidade de Nova York – EUA, vivendo o luxo, as grifes e o alto padrão de vida da Times Square. *Sexo e as negas*, no entanto, o ambiente seria a favela

no bairro do Cordovil, zona norte do Rio de Janeiro, com quatro protagonistas negras e o elo de ligação do título não estaria mais na cidade e sim no sexo.

Poucos dias após a veiculação deste primeiro anúncio do programa, uma série de reações contrárias a veiculação da minissérie ocorreram no ambiente virtual, oriundas da estranheza de mulheres negras de todo o Brasil. A agitação se deu inicialmente em redes sociais como o *facebook*, em declarações em vídeos no canal *youtube*, e também por parte de blogs de consciência negra e empoderamento feminino que efervesciam no seio da esfera virtual. A denúncia era de que esta minissérie tratava-se de uma representação hiperssexualizada da mulher negra, de viés racista e machista prestes a ser reproduzida com um olhar distorcido e estereotipado na televisão brasileira.

Através da rede social *facebook*, mulheres de todo o Brasil (integrantes de coletivos negros, feministas, donas de casas, estudantes, etc, que não se sentiam contempladas pela proposta da minissérie), se articularam pela criação de um movimento que se fundamentou pelo nome: Boicote Nacional ao Programa “Sexo e as Negas” da Rede Globo. O principal argumento defendido e encorajado pelas manifestantes era o de que as mulheres brasileiras não eram representadas pela série. O slogan “Sexo e as negas não me representa” foi a frase piloto do protesto, estampada em cartazes, camisetas e midiaticizadas por postagens de caráter público em páginas pessoais, grupos fechados, grupos de discussão negra e páginas em redes sociais que encabeçavam a proposta do protesto. Nas frases, eram observadas falas nomeadas diretamente a Rede Globo, em uma proposta de enfrentamento direto a este meio hegemônico como “globo, eu não sou tuas negas” escrita em cartazes veiculados em páginas do *facebook* e blogs de valorização da mulher negra.

Ao analisar este primeiro momento de estranhamento e repúdio à veiculação do anúncio da minissérie, já se observa duas dimensões de que Moraes (2007) falava acerca da difusão contra-hegemônica em rede. A dimensão “d”, que vê a dinâmica virtual como incentivadora à interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes. Ora, a virtualidade agrupou mulheres de territorialidades distintas em torno de um assunto convergente – a visão negativa da representação da mulher negra na minissérie –, e isto efervesceu um debate que tomou corpo passando a disseminar-se pela plataforma multimídia.

Cabe também a inserção da dimensão “e” que assinala que estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser partilhados com base no princípio inclusivo da

"publicação aberta" (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados). O que exatamente ocorreu quando as páginas foram criadas: iniciou-se o compartilhamento e a postagem de comentários em torno do assunto – como vídeos, fotos, textos, montagens, etc.

A página oficial da campanha na rede social *facebook* atingiu 30 mil curtidas. Através da página foi realizada uma campanha de denúncias à Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), buscando uma resposta e posicionamento dos produtores da minissérie diante das denúncias de caráter machista e racista sobre o produto, com vistas ao impedimento de sua exibição. Após a demanda de ocorrências que chegavam de todo o Brasil, o órgão autuou a Rede Globo de Comunicação e encaminhou as acusações para o Ministério Público do Rio de Janeiro.

Esta mobilização propiciou também agitação na cena política do país, através do posicionamento do então deputado federal Jean Wylis (PSOL), que se colocou como a favor da veiculação da telenovela, o que causou também reação de repúdio por parte do movimento feminino negro que promovia o boicote.

Nesses aspectos citados, percebe-se a dimensão “b” pontuada por Moraes, que trata-se da descentralização informativa. A descentralização informativa consiste em que qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelo poder. Foi o que se observou quando a discussão passou a percorrer outras esferas que não a virtual, chegando a órgãos públicos de fiscalização como Ministério Público Federal, bem como representantes com cargos políticos. A pressão, que agora ganhava proporções além do grupo que a fortaleceu, desestabilizou de forma concreta a hegemonia da Rede Globo de Televisão através da autuação do órgão fiscalizador e o debate ganhou força com atos públicos sendo marcados por eventos via *facebook*.

Posteriormente, encabeçada pelo blog “Blogueiras Negras” foi redigida e assinada uma carta aberta endereçada a Miguel Falabella, autor da série. A carta aberta, intitulada “Ah! Branco, dá um tempo!” recebeu a assinatura e apoio de mais de trinta sites e blogs de empoderamento feminino. Esta ação possibilitada na blogosfera sinaliza o que Moraes entende na dimensão “a” de movimentação contra-hegemônica: a defesa do direito democrático de um povo, neste caso a etnia negra.

A pressão e o repúdio disseminados incitaram a resposta do criador Miguel Falabella e todo um contramovimento em defesa da série, intitulado *#amosexoeasnegas*.

Muitos profissionais da mídia saíram a favor de Falabella, defendendo a ideia de que ele teria sido inovador por trazer protagonistas negras, algo fora do comum na teledramaturgia nacional. A Rede Globo de Televisão alterou partes do roteiro e reformulou alguns capítulos. O capítulo final também foi reformulado como uma resposta ao ataque anterior a sua veiculação. Não houve o impedimento da exibição, mas o programa atingiu os piores níveis de audiência e não houve formulação de uma segunda temporada, que era a proposta inicial de sua criação.

Nesse sentido, a campanha de boicote a minissérie *Sexo e as negas* da Rede Globo de Televisão pode ser entendida como uma comunicação virtual de caráter contra-hegemônico. Tendo em vista a supremacia da emissora Globo ao longo de mais de 60 anos na história da televisão brasileira, o que se observou foi um cenário de desestabilização e defesa, que poucas, ou até mesmo nenhuma vez antes se havia visto em relação a veiculação de um de seus produtos midiático, levando-se em consideração que tratava-se de um produto que ainda nem havia sido estreado.

Além disso, por ter sido um movimento genuinamente concebido no virtual, esta conjuntura colocou de frente duas faces antagônicas: de um lado, a hegemonia e supremacia do Padrão Globo de Qualidade, que produz\produzia em série sucessos de televisão; e do outro, o de um segmento da sociedade minoritária (mulheres negras) genuinamente mobilizadas pelo veto a negativa representação que poderiam ter neste meio. Acredita-se que a questão do empoderamento feminino que preconizou este movimento tenha iniciado muito antes, desde que a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação passou a abarcar mais democraticamente mulheres. Indo de encontro ao que Wolton (2012) afirma, de que as novas tecnologias tem um potencial emancipador do indivíduo.

Neste ponto, a análise também colide com o que Levy já dizia acerca do ciberespaço. Indiretamente, o desenvolvimento das redes digitais interativas favorece outros movimentos de virtualização que não o da informação propriamente dita (Levy, 2001) como o observado neste texto, este também o de viés político, conscientizador e contra-hegemônico.

## CONSIDERAÇÕES

Não é surpresa que a quase totalidade da história televisiva brasileira relegue papéis e representações inferiorizadas a população negra. Seja como camareiras, empregadas, donas-de-casa, prostitutas, os papéis hipersensualizados e violentos fazem parte do horário nobre brasileiro. Alguns estudiosos entendem estes papéis como parte de um processo de embranquecimento, fruto da ideia de democracia racial que se vive nos tempos contemporâneos. Optar por mulheres brancas ao invés de mulheres negras em papéis de maior destaque é algo que vem desde a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado e se perpetua como via de regra na mídia.

Defende-se neste artigo que a democracia racial sustentada pela mídia hegemônica ainda não é uma realidade e a pressão e repúdio de grupos contrários a esta ordem é legítimo e endossa um processo democrático saudável no país. Partindo-se da análise de que se trata de um produto midiático de uma mídia hegemônica, de autoria de um homem branco e de classe social elevada, a tentativa de integrar a mulher negra subalterna crendo que a valorizará em suas produções releva um cenário de relações de poder completamente dispare, que se acentua com a inserção das novas tecnologias de comunicação, como a internet.

O ambiente virtual, nesse sentido, tornou claro a relação antagônica e esquizofrênica de duas realidades distintas: a mídia hegemônica, que vende seus produtos e representa a sociedade a partir da lógica lucrativa, e outro, o de mulheres historicamente invisibilizadas, que com o advento do espaço virtual tornam-se visíveis em sua busca por emancipação, reafirmando a defesa e proteção a sua etnia e cultura. A negação da visão pronta e hierarquizada proposta pela mídia convencional é reflexo disso. Nesse sentido, a força motriz dessa conjuntura desenvolve-se na e pelas novas tecnologias da comunicação. O que releva um ambiente que, se aprimorado pelas pautas e pelo engajamento de movimentos sociais diversos, pode também ser um amplo espaço e instrumento de empoderamento e emancipação social.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de, FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira*. 2.ed. São Paulo: Senac, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. “*Communication, power and counter-power in the network society*”, *International Journal of Communication*, nº 1, 2007.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2001.

MARTINUZZO, J. A. *Seis questões fundamentais da comunicação organizacional estratégica em rede*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2013.

MORAES, Dênis de. “*Comunicación virtual, activismo político y ciudadanía*”. *Trípodos*, Barcelona, vol. 4, 2005, p.67-76.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Salinas, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

*Recebido em junho de 2016*  
*Aprovado em setembro de 2016*